

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

DE QUAL JUVENTUDE ESTAMOS FALANDO?
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E CULTURAIS DA
JUVENTUDE

Gabriela Pedroso dos Santos

Orientador: Alex Niche Teixeira

Porto Alegre

2014

Gabriela Pedroso dos Santos

DE QUAL JUVENTUDE ESTAMOS FALANDO?
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E CULTURAIS DA
JUVENTUDE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, sob
orientação do professor Dr. Alex Niche
Teixeira.

Porto Alegre

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe amada, referência de mulher, de mãe, de força, de dedicação e de amor na minha vida. Ainda que nem todas as palavras possam expressar meu amor e admiração, dedico a ela o esforço deste trabalho como símbolo de minha gratidão. Nunca esquecerei as palavras de incentivo e apoio; e, principalmente, as de advertência, que me auxiliaram nas escolhas e caminhos certos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por absolutamente tudo. Sem o apoio dela, certamente, teria sido muito difícil. Ao Vitor pela parceria e amizade; pelas caronas e risadas, desde a época do cursinho, me ajudando sempre que possível, para facilitar a vida quando ela se tornava difícil. Obrigada, também, aos dois, pelos õpatrocíniosõ, eles foram fundamentais durante a vida universitária.

Agradeço à minha dupla, Márcio Estrela, pelos ensinamentos geográficos que, não só me garantiram um bom desempenho no vestibular, antes disso, possibilitam que eu pense no mundo e sobre qual papel eu quero desempenhar no mundo. Obrigada pelos conselhos certos, pelas reflexões sociológicas (que não raro teimam em acontecer quando ainda estamos preguiçosos pela manhã) e pelo reconhecimento declarado do meu amadurecimento intelectual, que me enche de orgulho e satisfação.

À minha família e aos meus amigos queridos, por todo apoio e carinho. Agradeço pela compreensão e paciência, por todas as vezes que estive ausente, devido às muitas coisas da faculdade para fazer.

Ao meu professor e orientador Alex Niche Teixeira, pelas aulas de pesquisa (caras ao curso de Ciências Sociais) e pela acolhida nesta etapa final do curso.

Agradeço aos amigos e colegas da faculdade (Ananda, Marcelle, Rhuany, Marco, Eduardo, Ricardinho, Luiza, Antônio, Maxx, Zé e Ju), que tornaram esta etapa de formação da minha vida um momento feliz, único e cheio de histórias engraçadas. Viver a graduação ao lado desta turma foi incrível.

*ÕDeixo tudo assim
Não me importo em
ver a idade em mim
Ouço o que convém
Eu gosto é do gastoõ*

[O velho e o moço ó Los Hermanos]

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo apresentar um breve ensaio sobre as questões juvenis, que vai desde a análise da trajetória histórica da construção do conceito de juventude, até as principais configurações contemporâneas da categoria juvenil, cultural e socialmente construída. Durante o estudo buscou-se a observação da condição juvenil a começar de suas dimensões simbólicas e culturais. A partir disso, apresenta-se duas situações pontuais sobre o assunto, intrínsecas às realidades das juventudes contemporâneas. A primeira transcorre sobre a supervalorização da juventude, a cada momento mais presente no imaginário da sociedade de consumo; a segunda, em contrapartida, sobre a corrente associação entre jovens e o estigma de problema social.

Palavras-chave: juventude, história, supervalorização juvenil, problema social

ABSTRACT

This research aims at showing a brief essay on youth issues, ranging from the analysis of the history of how the concept of youth was developed, to the main contemporary shape of youth, a category cultural and socially built. During the study aimed at observing the condition of youth beginning with its symbolic and cultural dimensions. From this, present two specific situations on the subject intrinsic to the realities of contemporary youths. The first takes place on the overvaluation of youth, increasingly present on the imaginary of the consumer society; the second, in contrast, on the current association between young people and the stigma of social problem.

Keywords: youth, history, juvenile overvaluation and social problem

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	13
Figura 2.....	14
Figura 3.....	17
Figura 4.....	20

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Breve histórico sobre os conceitos de infância e juventude.....	12
3. Juventude: Um estilo de vida?.....	15
4. Juventude: Um desejo de consumo.....	18
5. Mas afinal, que jovens são esses?.....	21
6. Conclusão.....	27
7. Referências bibliográficas.....	29

1. INTRODUÇÃO

Juventude tornou-se um dos importantes conceitos-chave que pautam os debates sociológicos da contemporaneidade. O discurso sobre este tema tem sido recorrente, principalmente, devido às ambiguidades que caracterizam mais do que apenas uma etapa de vida, antes disso, uma condição de vida. Falar sobre juventude e sua condição juvenil, implica falarmos de uma dupla dimensão do conceito. No que tange o imaginário da sociedade, falar de juventude significa falar de um estilo de vida, de uma maneira de viver e/ou de ser jovem. Mas, falar de jovem, enquanto agente social, frequentemente lhe é atribuído a noção de problema social, raramente levando em consideração a problematização de sua condição juvenil atual como um todo. Para tanto, faz-se necessário, em primeiro momento, compreender de qual juventude estamos falando, partindo de considerações, tais como: *cultura, tempo e espaço, gênero, classe, etnia, demandas próprias, símbolos e práticas*¹, que configuram uma situação singular a esta condição juvenil (DAYRELL, 2007).

A construção do termo *juventude*, tal qual conhecemos, é relativamente nova; òfruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do socialö (DAYRELL, 2007, p. 1108, apud Giddens, 1991). Sua origem, numa perspectiva histórica, é datada desde meados do século XVIII, no cenário europeu. Foi durante este período que os discursos sobre a juventude revelaram-se de fato e oficialmente como uma categoria social legitimada. Muito embora, retornando ainda mais na linha do tempo, até as antigas civilizações, é possível perceber que as primeiras características de ideais estéticos e comportamentais - voltados a uma porção da população, que hoje definimos como jovens - são identificados na cultura da civilização grega. Existia uma clara preocupação quanto a transmissão dos ensinamentos e conhecimentos da vida na *Polis*, dos mais velhos para com os mais novos, pois estes dariam prosseguimento à cultura helênica, o que garantiria a continuidade e aperfeiçoamento da sociedade grega, compreendida, aos jovens, sobretudo, ante ao ideal da beleza e da guerra.

O belo e o forte são os dois conceitos que, diríamos, definem com mais clareza os critérios essenciais que estabelecem a forma de relação consigo mesmo e com os outros, ou seja, o belo e o forte são os critérios fundamentais que nos revelam a cultura grega arcaica: tanto aquela que discursa sobre a juventude como aqueles e aquelas que, com seu próprio corpo, afirmam a vida em sua máxima radicalidade. São esses dois conceitos que revelam o impulso originário pela vida, assimilado pela cultura grega e transmitido aos seus jovens como condições primordiais para se viver uma vida que seja bela e forte. Assim, o ideal de jovem é aquele que se caracteriza e se revela como belo e forte, como aqueles que afirmam, em seu próprio

¹ Grifo meu.

corpo, as situações mais elementares, humanas e, por isso, fundamentais da própria vida. Essa é a concepção grega arcaica que predomina na vida helena (GARCIA, 2009).

Estas características, percebidas desde a cultura grega, são claramente identificadas ao longo da formação social e histórica, no que diz respeito aos estudos sobre juventude. Mas para os efeitos desta pesquisa, o olhar será orientado sob a luz das representações do fenômeno juvenil marcadas pelos efeitos da transição da modernidade a pós-modernidade, da sociedade ocidental. Logo, sua maior representatividade surge com força no século XX, partindo das transformações sociais, políticas e econômicas - que configuraram as incertezas do mundo ocidental, marcados pelos períodos de guerras mundiais e pelo crescimento das sociedades industriais modernas - com o ponto de partida, desta vez, dos Estados Unidos da América (USA) e da Inglaterra (UK). Este período de nova ordem social, amparada na globalização, trouxe ao mundo as faces da juventude, caracterizada sob o ideal da revolução, pelo anseio por transformação, pelo descontentamento, pela reivindicação por melhorias de vida e pela configuração da contracultura. No caso do Brasil, a reflexão juvenil teve maior destaque no fim da década de 1960, a partir dos movimentos estudantis, cuja imagem foi de uma juventude engajada politicamente, questionadora da ordem social, revolucionária e idealizadora.

A precursora juventude que em primeiro momento foi chamada de *õrebeldes* sem causaõ na Inglaterra, ou de *õjuventude transviadaõ* nos EUA, e que mais tarde transformou-se em referência social onde, atualmente, tem sua representatividade social vinculada a um paradoxo. De um lado, marcada pela supervalorização do *õser jovemõ*, manifestado em múltiplas representações socioculturais contemporâneas; de outro, potencializado por características problemáticas - geralmente associados a situações limite, crises e conflitos. Com efeito, Howard Becker (2008), em sua obra *Outsiders ó Estudo da sociologia do desvio*, colabora junto a esta ideia, quando propõe a reflexão sobre o desvio (que se caracteriza pelo julgamento e regras criadas e impostas pela sociedade de determinado grupo), ao explicar os *outsiders* como todos aqueles que são e/ou estão presumidamente em descompasso às regras sociais. Não raro, esta é a imagem atribuída àqueles pertencentes à juventude, seja nos primórdios do movimento da contracultura da década de 1960 ou atualmente, nas variadas formas de expressão e manifestação que muito representam a identidade juvenil contemporânea, justificando os discursos sobre a problemática do fenômeno jovem.

[As] regras sociais definem situações e tipos de comportamentos a elas apropriados, especificando algumas ações como *õcertaõ* e proibindo outras como *õerradasõ*. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser

vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como outsider. [...] Mas a pessoa assim rotulada pode ter opinião diferente sobre a questão. Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. (BECKER, 2008, p.15)

Sendo assim, compreender a juventude em toda sua complexidade implica, primeiramente, a consciência de que a esta fase da vida do ser social não se constitui de forma homogênea. Ainda que o conceito retrate a dimensão de uma categoria juvenil, que compartilha uma fase específica da vida biológica, entre outras características próprias desta fase, devemos entender que dentro desta homogeneidade coexistem inúmeras possibilidades de ser jovem - o que configura sua heterogeneidade de acordo com as variáveis do tempo, do espaço, das relações, das experiências, entre tantas outras possibilidades. Por esse motivo, é bastante comum autores fazerem referência às *juventudes*, no plural. Assim sendo, pesquisas sobre as práticas culturais das juventudes contemporâneas interpelam os assuntos juvenis, propondo como foco, diferentes ambientes de produção das maneiras de *õserö* e *õestarö* jovem em nossa sociedade, nos dias de hoje.

Nesse sentido, a proposta que segue, trata-se de uma análise linear dos processos histórico-sociais e culturais a respeito do conceito de juventude. Este estudo interpelará a problemática transcorrendo os tempos, desde as primeiras manifestações desta categoria social, que se mostrou ao mundo a partir do comportamento transgressor, com ponto de partida em UK e nos USA da década de 50, até a atual configuração deste conceito, apresentando os principais tópicos acerca da problematização da categoria juvenil, no tocante da realidade brasileira.

2. BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CONCEITOS DE INFÂNCIA E JUVENTUDE

Ainda que a ideia de juventude exista há longa data, com elementos base, percebidos desde a cultura grega arcaica - cujo reflexo configura até hoje comportamentos e subjetividades da camada social jovem de nossa sociedade -, enquanto conceito, sua consolidação social é relativamente nova. Até o século XIX, as idades da vida² eram marcadas por dois ciclos pontuais: ou se era criança ou era adulto. Sobre isso, proponho uma ligeira análise sobre as considerações e processos evolutivos de (des)construção da infância analogamente ao da juventude, uma vez que é evidente a similaridade entre os processos de recusa e aceitação nos discursos sobre ambos os conceitos.

Ao fazermos o exercício da memória, buscando elementos visuais que ilustrem os fatos - muito bem retratados em diversas filmografias e fotografias, provavelmente verificados em arquivos e/ou imagens pretéritos ao período do século citado - fica evidente o que tratamos aqui como, por exemplo, quando não raro víamos crianças vestidas de minimarinheiros; ou quando os garotos que ainda usavam "calças-curtas" almejavam as calças compridas, simbolizando o rito de passagem para a vida adulta. Se atentarmos o olhar para a descrição deste cenário, veremos tal divisão de tempos, em que a fase infantil saltava num curto espaço de tempo para a fase adulta.

Figura 1



Fonte: Mig

Registros de famílias e acervos históricos das sociedades do mundo ocidental, anteriores ao século XX, comprovam que o fim da infância acontecia quando a criança não tinha ainda completos doze anos de vida. Meninas casavam com menos de doze anos, enquanto meninos (e, de igual forma, muitas meninas), com a mesma faixa etária, já trabalhavam para a contribuição do sustento de sua família. Nos casos das famílias nobres, em que a relação da criança com o núcleo familiar não era estabelecido pela atividade

² PERALVA, Angelina. Juventude e Contemporaneidade. *__In: òJovem como modelo culturalö*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, vol. 16, 2007.

laborial, percebe-se a passagem para a vida adulta tanto pela inserção das crianças nos eventos cotidianos dos adultos quanto pela forma como eram vestidas.

Figura 2



Fonte: Mdig

Para ter-se ideia do que isso significa na conceituação atual sobre a criança - nos termos deste estudo - segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³, caracteriza-se como criança todo aquele que estiver entre a faixa etária de zero a doze anos. De acordo com a concepção de infância de Philippe Ariès⁴ (2006), o conceito de infância foi igualmente construído, tal qual o de juventude; carregando em si semelhantes considerações, em que quase sempre (para não dizer sempre) não eram considerados seres sociais próprios de seu tempo, mas sim futuros adultos, pois compartilhavam o mundo dos mais velhos em todas as suas dimensões. Segundo o autor, os registros familiares dos séculos XVI ao XVIII, representados através das pinturas, mencionavam a presença da criança de maneira completamente desprovida de qualquer característica infantil, no formato de pequenos corpos adultos. No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido (ARIÈS, 2006, p.18). Foi por volta do final do século XIII, que surgiram os primeiros retratos mais próximos da realidade da criança, de acordo com a visão compreendida na modernidade.

Nesse sentido, Peralva (2007, p.15) vai dizer que os processos em que ocorre a cristalização social das idades da vida são múltiplos e convergentes. Sobre isso, faz uma distinção de dois momentos, o primeiro, em que o processo de transformação desta cultura de emancipação da criança ao adulto, acontece no âmbito da família ou em particular da burguesa ou, na redefinição e segregação entre o ambiente familiar e o mundo exterior. Em consequência

³ Ver ECA em www.planalto.gov.br

⁴ Philippe Ariès (1914-1984) foi historiador medievalista e autor da obra *A história social da criança e da família* (1973).

disso, o reestabelecimento do lugar comum da criança no núcleo familiar. Em segundo, que a cristalização das idades estabelece a paulatina supressão da criança nas atividades do mundo do trabalho, retardando a inserção desta à vida adulta. Com base nos estudos de Ariès (1973), ainda ressalta-se a importância da escolarização neste processo de cristalização das idades, à medida que esta se expande entre a população, ao mesmo tempo em que vai de encontro ao trabalho infantil. A inclusão da obrigatoriedade do ensino formal às crianças e *adolescentes*⁵, em meados do século XIX, contribuiu para a construção de uma nova camada social, que não se encaixava nem na vida infantil nem na adulta, mas em um lugar novo; dessa vez, entre elas.

O ponto de torque da ideia de categoria juvenil desenvolveu-se com o advento da era industrial, nas faces do capitalismo. A partir da década dos anos 1940, uma nova unidade cultural da juventude surge com força no mundo todo. O cenário da sociedade ocidental se reconfigurou durante a revolução industrial, transformando tudo e a todos. A impressionante demanda fabril, juntamente com as precárias condições de subsistência da esmagadora população, motivou jovens e adultos, da cidade e do campo, a ingressarem nas atividades do mundo das fábricas, uma vez que a era da agricultura fora superada devido aos impactos das mudanças tecnológicas. Em consequência disso, o número de jovens que passaram a ocupar os centros urbanos aumentou drasticamente, suscitando o reconhecimento destes como um grupo afim, ora pelas necessidades próprias desta fase da vida, ora pelas desigualdades e controvérsias sociais que intimamente tocavam este grupo.

Superado o impacto inicial da revolução industrial, a juventude começou a se ver com mais evidência como realidade específica, por que começou a ficar sempre mais clara a questão das distâncias as classes sociais. Não é por nada que Marx coloca como capítulo do capitalismo a questão da luta de classes (DICK, 2003).

As configurações do novo mundo capitalista ressignificaram todas as maneiras possíveis de relações sociais, individuais dos sujeitos, econômicas e políticas. Sendo assim, a humanidade passa viver um novo paradigma estrutural da sociedade moderna. Neste contexto, o cenário juvenil se articula oficialmente através das adversidades estruturais da sociedade - pela primeira vez na história social dos estudos do fenômeno juvenil.

⁵ Conceito de Adolescência foi cunhado em 1898, pelo psiquiatra norte americano Granville Stanley Hall. Ver SAVAGE, Jon. *õA criação da Juventude: Como o conceito de Teenage revolucionou o século 20*. São Paulo: 2009.

3. JUVENTUDE: UM ESTILO DE VIDA?

A concepção da existência de uma nova categoria social, situada num lugar novo, entre as etapas da vida, se apresenta no período da modernidade sociológica⁶, amparada pelo Estado, com novos modelos de controle social - neste caso, a introdução da escola compulsória, criada por lei na França, no final do século XIX. De acordo com Castro (2011), odesenhava-se no imaginário social a vocação dos jovens, assim como a normatividade da demanda social sobre eles: como jovens, eles devem se preparar para seu lugar ulterior de homens e mulheres adultos. A instituição surgira, então, como um aparelho necessário de retirada de jovens e crianças das ruas e dos ofícios, instaurando a partir da educação formal a reprodução social e socializadora.

Seja na França, na Alemanha ou na Inglaterra do século XIX, a reclusão dos jovens em instituições escolares serviu à reprodução social das elites, apostando na preparação intelectual, moral e emocional daqueles jovens que ocupariam lugares-chaves nas sociedades burguesas emergentes baseadas no esforço, mérito, concorrência e cultivo de si (CASTRO, 2011, p.302).

Alguns estudiosos do assunto indicam uma retrospectiva histórica sobre o desenvolvimento da ideia de juventude, que precede as datas do século XIX, principalmente no contexto europeu. Abromovay e Esteves (2008), em obra conjunta, destacam que já no século XVIII, no período da Revolução Francesa, surgem as primeiras evidências dessa construção. Segundo os autores,

com a conseqüente afirmação do modo de produção capitalista sobre o absolutismo monárquico, demandando mudanças radicais nas formas até então vigentes de organização social, econômica e política, tudo o que se identificava com o Antigo Regime (mentira, preconceito, servidão) cede espaço para a ideia do novo (liberdade, democracia, vida). É nesse contexto de enaltecimento da novidade, em que também se difunde uma noção de felicidade diretamente associada à de transformação, que a juventude passa a constituir um valor importante (2008, p. 4).

Entretanto, foi no século XVIII que os primeiros sinais de um posicionamento singular, a cerca de um nascente público que se constituía sob o ideal do novo, da liberdade e da revolução; no século seguinte, quando estes sinais se consolidaram com a construção social da nova categoria em questão, mas foi no século XX que uma nova identidade - a jovem - tomou forma.

⁶ Ver CASTRO (2011).

Conforme introduzido anteriormente, o século XX foi marcado por uma série de acontecimentos que influenciaram o mundo inteiro. A urbanização e a explosão demográfica⁷, o período entre as guerras mundiais, as precárias condições das classes trabalhadoras, a instabilidade econômica e política que assolaram todos os cantos da sociedade global, entre outros fatores, trouxeram à tona a(s) identidade(s) da(s) juventude(s). Vestidos de jaqueta de couro, jeans e camiseta branca, ao som do *Rock n' Roll*, a juventude surge com força, quebrando regras e ditando moda⁸. Nos anos 50, o problema social da juventude era a predisposição generalizada para a transgressão e a delinquência, quase que inerente à condição juvenil, corporificadas na figura dos rebeldes sem-cause (ABRAMO, 2007, p. 80).

Figura 3



Fonte: modaaocubo.blogspot.com.br

Dayrell (2007) explana o momento supracitado relacionando-o com a visão romantizada da juventude, que foi se cristalizando a partir dos anos de 1960, provendo o florescimento da indústria cultural, bem como do esmagador mercado de consumo direcionado aos jovens, manifestando-se através de hábitos, moda, adereços, músicas, locais de lazer, etc. Ainda, segundo o autor, a impressão desta ideia, indica uma visão da juventude num tempo de liberdade, prazer e comportamentos exóticos, aliados ao tempo das experimentações, marcados pelo hedonismo e pela irresponsabilidade.

⁷ O pós-guerra correspondeu um período de explosão demográfica vivenciado por diferentes países, resultado por diversos fatores. O mundo subdesenvolvido assistia a um surpreendente aumento demográfico proveniente das melhorias médicas e sanitárias trazidas com a urbanização e industrialização. Nos EUA os *babybommers* corresponderam à geração concebida no pós-guerra, momento historicamente associado a uma maior taxa de natalidade.

⁸ Este cenário precursor da categoria jovem dos anos de 1950 tem destaque nos EUA e na Inglaterra, principalmente com a classe operária. No Brasil, a construção social da juventude toma forma a partir da década de 1960, com os movimentos estudantis, sob as influências dos movimentos Norte Americano e Britânico.

Nos anos 60 e parte dos anos 70, o problema apareceu como sendo o de toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social nos planos político, cultural e moral, por uma atitude de crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformação ó movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento *hippie*. (ABRAMO, 2007, p. 81- grifo da autora)

Muitas pré-conceituações foram designadas às juventudes desde então. Em grande parte dos estudos voltados ao tema, o discurso que prevalece nos debates atuais, está para a eminente pluralidade do conceito. Todavia, para a finalidade deste trabalho, proponho a análise de duas problemáticas acerca da juventude. A dicotomia entre o crescente estilo de vida juvenil que abarca todas as faixas etárias da população e, em contrapartida, a categoria social entendida como ãproblemáticaö, comumente associada ao problema social.

4. JUVENTUDE: UM DESEJO DE CONSUMO

A palavra de ordem do momento é a supervalorização da juventude. Para a constatação disso não é necessário ser grande estudioso do assunto, basta observar as propagandas disparadas nas diversas mídias informativas, que diariamente nos alertam que ser *õjovemõ* é o melhor negócio. Mensagens midiáticas, dos mais variados tipos, atrelam à ideia do *ser jovem* à: liberdade, beleza, vitalidade, etc. Empresas de diversos segmentos comerciais potencializam adjetivos como estes, valorizando hábitos, crenças e valores juvenis; num primeiro momento pelo comportamento consumidor das juventudes contemporâneas e, em seguida, pelo desejo de consumo deste supervalorizado estilo de vida. Assim,

[...] se por um lado os jovens são encarados como problema social, por outro os jovens são idealizados, imitados e invejados. Segundo Maria Rita Kehl (2004), a sociedade de consumo ao longo das últimas décadas, elegeu os jovens como seu símbolo máximo de consumo, transformando a imagem do *jovem* [grifo do autor] em um ícone que traduz beleza, desejo, vitalidade, possibilidades infinitas, voltada a um imaginário de uma permissividade (AMARAL, 2011, p. 25).

As mensagens publicitárias reforçam constantemente a supervalorizada imagem da juventude. Exemplo disso são as comuns e repetitivas revistas de moda e saúde, que trazem estampadas em suas capas - na maior parte das vezes grandes ícones do mundo da moda, cinema, e música - belos rostos e invejáveis corpos juvenis. Isso se repete e se confirma quanto ao seu conteúdo, neste caso o da revista. Para todos os lados, o que se vê são jovens modelos, impecavelmente vestidas, transmitindo e reafirmando através de poses, caras e bocas, toda a expressividade e beleza do *õserõ* e *õestarõ* jovem. Este discurso publicitário atinge não somente a população jovem propriamente dita, mas a todos. Pois, através de um discurso persuasivo (senão coercivo), a publicidade apresenta diariamente sinais de valorização deste *õmodeloõ* de vida, como mais uma necessidade primordial na construção das identidades individuais e coletivas das pessoas.

[...] O discurso publicitário atinge a todos, independentemente da aquisição dos produtos anunciados. Longe de causar estranhamento, as mensagens publicitárias fazem parte da vida cotidiana do conjunto daqueles que integram a sociedade. Decorre disso que a sua eficácia não pode ser mensurada somente a partir de sua presença multi e intermediática, mas pela capacidade de conectar os anunciantes aos potenciais consumidores através de um texto repleto de elementos que lhes são comuns. [...] Interessa aqui, exclusivamente, o consumo empreendido pelos jovens. A inserção dos jovens mostra-se como necessária na medida em que as novas gerações encontram-se mais sujeitas às mudanças e aos fenômenos sociais, aderindo a eles com maior facilidade. (GOELLNER, 2007, p. 65-66)

O que outrora era moda mostrar-se esteticamente maduro, hoje é *démodé*⁹. Há pouco tempo, os oçovens adultosö não mediam esforços para parecerem mais velhos, uma vez que a cultura era a de valorização da maturidade (ABROMOVAY e ESTEVES, 2008). O que se percebe atualmente é exatamente o seu oposto - no que diz respeito ao cultivo da estética e, de alguma forma, em estilos de vida.

Figura 4



Fonte: ametaforadobonsai.blog.spot

Nos quesitos moda¹⁰ e estilo de vida, o maior desejo de consumo da sociedade contemporânea é o de ser jovem. Isso implica a transformação exógena do corpo, retardando o envelhecimento (através de intervenções cirúrgicas e tratamentos estéticos, por exemplo); destarte, o consumo de bens materiais simbólicos, que caracterizam essa etapa da vida (indumentária, gostos musicais, espaços coletivos, etc.), onde vemos que õ[...] o que se busca hoje com este culto exarcebado é, no limite, o ajuste ao modelo de juventude e felicidade permanente que encanta a sociedade contemporâneaö (DANTAS, 2011, p. 902).

Vale salientar que este fenômeno, cada vez mais recorrente, acontece tanto para as crianças, que desejam antecipar sua participação no consumo destes hábitos juvenis, quanto para os adultos que, não raro, buscam incessantemente o retardamento da velhice. Mas, enquanto crianças tornam-se adolescentes cada vez mais cedo, os adultos sofrem da *Síndrome*

⁹ *Démodé* (do francês: õpassado de modaö ou õantiquadoö), esteticamente falando, é tudo que está associado a estilos ou modas de décadas ou de séculos anteriores; seja na área de arquitetura, decoração música ou moda.

¹⁰ O conceito de moda empregado nesta pesquisa, está para além do que refere-se somente a idumentária. Quer dizer, sobretudo, acerca das variadas formas de manifestações culturais e comportamentais dos indivíduos, conferidos em diferentes tempos, lugares e grupos. Ou, a partir da reflexão do sociólogo francês Pierre Bourdieu, ao considerá-la como uma prática cultural, no que ele diz sobre o *Habitus*, quando observa a moda como uma maneira de expressividade dos grupos e indivíduos, onde a expressividade é entendida como um diálogo entre o indivíduo e a sociedade.

de *Peter Pan*¹¹ e os próprios jovens não querem deixar de ser jovens, retardando, por exemplo, a saída da casa de seus pais.

Vivemos numa era em que a transformação do comportamento da sociedade voltada à supervalorização e introspecção das identidades juvenis está diretamente relacionada com as mudanças da modernidade ocidental. Entretanto, Peralva (2007) indica que a explicação para as transformações culturais e sociais estão para além da acentuada aceleração dos modelos culturais sociais,

trata-se também de uma verdadeira mutação biológica do ciclo de vida, introduzida a partir de uma elevação importante da esperança de vida. Que já dobrou em menos de um século e cujo processo de alongamento tende a continuar. Desse ponto de vista, a definição das fases da vida, pontuada em seus extremos pelo nascimento e morte, sofre também profunda alteração, cujas consequências permanecem ainda obscuras para nós (*apud* Morin, 1970). O envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa do futuro que era, em modelo cultural do presente. (2007, p. 25)

O que se percebe, atualmente, é a massificação da ideia de uma juventude eterna, associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico (PERALVA, 2007, p. 25), incorporada e, principalmente, fundamentada na lógica do mercado de consumo. A mesma autora entende que a contribuição para o novo modelo identitário da sociedade, voltado cada vez mais ao processo de juvenização da população, deve-se a predominante cooperação dos meios de comunicação como interlocutores do crescimento da sociedade de consumo.

A atenção dirigida aos jovens, nos últimos anos, tem seu gráfico numa crescente, principalmente em questões de identidade e estilo de vida, cultivando significativo espaço no imaginário das pessoas, de diferentes faixas etárias. Como dito antes, os meios de comunicação de massa (programas de televisão, rádios, cadernos de jornais, revistas, blogs, *best-sellers*¹², etc.), têm-se dedicado em grande escala ao público jovem, devido ao estigma de potencial consumidor.

¹¹ Peter Pan é uma personagem dos contos infantis criado pelo J. B. Barrie, que retrata um pequeno rapaz que se recusa a crescer e tornar-se adulto. A psicologia utiliza o termo Síndrome de Peter Pan (1983) para designar o comportamento imaturo em aspectos comportamentais de adultos. Segundo os psicólogos, observa-se nestes casos que o indivíduo apresenta traços de irresponsabilidade, rebeldia, cólera, narcisismo exagerado, dependência e negação do envelhecimento.

¹² Termo em inglês que significa mais vendido, designado aos livros extremamente populares, considerados como leitura de massa.

5. MAS AFINAL, QUE JOVENS SÃO ESSES?

Essa é uma pergunta silenciosa, mas que muito paira no ar. Para início de conversa, vale salientar, uma vez mais, que muitos autores ao discutirem sobre as questões de juventude fazem-na no plural, por defenderem que o conceito não pode estar engessado em uma única maneira de ser, ou *ôestarô*, jovem. Nesse sentido, o significado do termo, não deve ser considerado de forma homogênea, uma vez que várias juventudes coexistem em nossa sociedade. Ou seja, cada um experimenta os modos de ser jovem segundo características biográficas, de gênero e socioeconômicas distintas, onde espaços e trajetórias são construídos conferindo diferentes significados a estas.

De acordo com a definição de juventude, apresentada pelo *Estatuto da Juventude*¹³ (2013), proposta pela UNESCO¹⁴, configura-se dentro dos limites da juventude todos aqueles que estiverem entre 15 e 29 anos de idade. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), fica determinado que os adolescentes são todos aqueles que apresentarem idade entre 15 e 18 anos. Entretanto, o Estatuto da Juventude distingue as juventudes em subgrupos, onde o *jovem-adolescente* pertence à faixa etária entre 15 e 17 anos de idade, *jovem-jovem* faixa de 18 a 24 anos de idade e, por fim, *jovem-adulto*, aqueles que tiverem de 25 a 29 anos de vida.

O Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) é um imenso legado para o Brasil. Ao dispor sobre os direitos dos jovens, sobre as diretrizes das políticas públicas de juventude e sobre o estabelecimento do Sistema Nacional de Juventude, o Estatuto torna a realização de políticas especialmente dirigidas às pessoas entre 15 e 29 anos uma obrigação do Estado, independente da vontade de governos. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2013, p. 3)

Para além das definições etárias, a problematização dos lugares das juventudes contemporâneas apresenta um mosaico de interpretações em que, na maior parte dos casos, são visões apocalípticas da situação juvenil, principalmente, quando se estabelece relações entre a juventude e a instituição escolar. Para a instituição supracitada - entende-se aqui a sua totalidade - a disfunção localiza-se na juventude propriamente dita, devido ao hipotético individualismo de feição hedonista e irresponsável, que estaria acarretando o acentuado desinteresse pela educação escolar. Em contrapartida, os jovens culpam a mesma, por acreditarem que esta se encontra distante de seus interesses, configurando-a em mais uma obrigação necessária. A resposta dos jovens para isso apoia-se num cotidiano escolar

¹³ Ver em www.juventude.gov.br

¹⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Foi fundada em 16 de novembro de 1945, sob o objetivo de contribuir para com a paz e a segurança no mundo mediante a educação, ciência, a cultura e as comunicações. Tem sua sede em Paris, na França.

enfadonho, junto a docentes que pouco agrega em suas formações (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Os debates sobre os fenômenos juvenis, dentro e fora das salas de aula, são o ponto de torque dos assuntos educacionais. Quando se fala de *perfil dos jovens alunos*, em verdade, referimo-nos diretamente às culturas juvenis. A importância deste recorte estabelece lugar de destaque nos discursos sobre a situação escolar da juventude. As discussões travam sobre o distanciamento destes para com a instituição escolar, bem como um possível desinteresse pelas aulas propriamente ditas; contudo, estas questões estão estritamente vinculadas a esta nova categoria de social presente nas salas de aula. Ou ainda, de maneira geral, pela má interpretação desta.

Todos sabem que as coisas mudam, os tempos mudam e, não diferente disso, as pessoas mudam. Mas quando o assunto é sobre a mudança do perfil do aluno, parece este ser uma daquelas ditas autofalhas, pois, todo aquele esclarecimento, acerca das mudanças, perde seu referencial. Eis que acontece, nestes momentos, o dito *choque de gerações*. Gerações anteriores condenam as novas gerações, a partir de um saudosismo quase ficcional do passado, num lugar em que *elas* eram os jovens de hoje, ditos muito melhores (em ~~no~~ aspectos) do que os de agora. Esse é o ponto em que a comunicação entre as partes normalmente se perde.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

É possível perceber que o ponto crucial para a boa comunicação entre a instituição escolar e o jovem aluno é, em primeiro plano, o constante exercício de pensar e repensar sobre este contingente jovem; identificá-los, para, a partir de então, planejar como se dará e quais serão as abordagens destinadas durante o processo (eficaz) de aprendizagem. O drama vincula-se justamente pelo descompasso entre as partes, pela falha da instituição (como grande parte dos discursos em geral) em não identificar as particularidades de cada um desse referido grupo; por seus anseios individuais e também coletivos, de um momento e contexto próprio da vida deles.

Situações como esta, fortalecem substancialmente os argumentos desta juventude discente, sobre aulas enfadonhas, que não lhes acrescentam em nada na vida e que vão para

escola, muitas vezes, por obrigação e necessidade do diploma. Nesse sentido, Freire (1987, p. 58), afirma que essa prática de ensino está concebida numa educação bancária, de adaptação e adequação ao mundo, que, ãem lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem [...].

Parece que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão nos dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais [aquí o autor faz referência a uma proposta educativa homogeneizante, com tempos e espaços rígidos], mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagens da autonomia. Demandam de seus professores uma postura de escuta [...]. (DAYRELL, 2007, p. 11)

A partir destes pressupostos, Dayrell (2007), contribui, novamente, quando afirma que primeiramente é preciso reconhecer as dificuldades existentes na própria categorização da juventude. Para tanto, faz-se necessário que os professores pratiquem o exercício de desnaturalização da visão que possuem de seus jovens alunos, superando preconceitos e estereótipos, para assim, ampliarem seus campos de visão, percebendo-os como sujeitos sociais, com demandas próprias. Isto é, não há como ignorar as dificuldades às quais os jovens enfrentam, não só na vida escolar, mas também na família, nas relações afetivas e sociais, nas dúvidas sobre o futuro, etc. vivenciadas numa fase da vida em que sentimentos e desejos são potencializados em seu extremo.

Destarte do que fora dito, vale salientar a importância máxima das expressões culturais na trajetória de vida dos jovens, tais como a música, os vídeos, a dança, as roupas, os *piercings*, as tatuagens, o corpo, dentre outras possíveis formas de mediar às relações entre eles próprios. Nesse contexto, os jovens apropriam-se dessas dimensões simbólicas no intuito de se posicionarem diante dos grupos, de firmarem suas identidades, utilizando-se destes símbolos como forma de expressão e comunicação para com seus pares e com a sociedade.

As traduções para os jovens contemporâneos, caracterizados como individualistas, hedonistas, consumistas, narcisistas, sem engajamento ó ou desqualificados ó no que diz respeito aos assuntos sociopolíticos e econômicos da sociedade onde vivem, têm-se tornado bastante comum nas pautas dos debates atuais. Abromovay e Esteves (2007), ao sintetizarem as características mais vigentes sobre como os jovens são percebidos socialmente, reúnem, de maneira geral, alguns aspectos:

De maneira dualista e maniqueísta. Se, de uma parte, são considerados como ãfuturo das naçõesö, os responsáveis pelo advir, de outra, são acusados de pensar e agir de modo irresponsável no presente. De forma adultocrata,

através, entre outros mecanismos, do estabelecimento de relações tensas e assimétricas entre jovens e adultos. Imputados de culpa. A juventude é constantemente associada à ameaça social, à criminalidade, à delinquência, como se o jovem implicasse, de forma potencializada e direta, no desvio e na transgressão de criminosos, cujo desdobramento seriam capazes de colocar em risco tanto a sua própria integridade física e moral quanto a de toda a sociedade. (2007, p. 26-27)

Contudo, falar sobre juventude, e tudo o que ela representa, significa falar de uma porção da sociedade, cultural e socialmente construída. Certamente, fazer isto sem deslizar nas falácias do senso comum, não é tarefa fácil. Conforme já observamos, a palavra juventude tem se formulado na empiria como um grande desejo de consumo na sociedade contemporânea, caracterizando uma *sociedade de espetáculo*¹⁵. Entretanto, sua discussão está para além das questões estéticas ou de estilo de vida.

Como vedete, o agente do espetáculo levado à cena é o oposto do indivíduo, é o inimigo do indivíduo nele mesmo tão evidentemente como nos outros. Aparecendo no espetáculo como modelo de identificação, ele renunciou a toda qualidade autônoma para identificar-se como a lei geral de obediência ao desenrolar das coisas. A vedete do consumo, embora represente exteriormente diferentes tipos de personalidade, mostra cada um desses tipos como capaz de encontrar a felicidade nesse consumo. A vedete da decisão deve possuir o estoque completo do que foi admitido como qualidades humanas. (DEBORD, 1997, p.61)

Analisando os diferentes discursos, mostra-se evidente que a ótica pela qual as juventudes são percebidas é bastante dúbia. Ora é interpretada como ditadora de moda; ora, um problema social. De acordo com Dayrell (2007), mesmo com todos os limites estabelecidos pelo lugar social que estão inseridos, devemos observar que eles são jovens, que a condição de sua juventude, submetida aos fatores biológicos próprios do período da adolescência, produzem seus modos de se relacionar, amar, de posicionarem-se diante si mesmos e do mundo. São antes de tudo uma realidade palpável, que sofrem, amam, pensam, tem sexo, idade, anseios, sonhos e incertezas do futuro.

Assim, reafirmamos, aqui, o que já foi muito reiterado: a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. (DAYRELL, 2007, p. 4)

Uma considerável parcela dos estudos de sociologia, direcionados à juventude, configuram uma sociologia do desvio onde o jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo

¹⁵ Ver Guy Debord (1931-1994) em *A sociedade do Espetáculo*.

(PERALVA, 2007, p. 18). O que se percebe é que a interpelação ao jovem é, em alguns casos, extrínseco à sua condição juvenil. O apelo feito à juventude é fortemente caracterizado através da ação socializadora sobre estes; sobre o que se espera da ação destes na sociedade. Ou seja, não são entendidos como agentes sociais protagonistas de suas próprias vidas, mas sim como promessa de futuros adultos, que, se não ãmodeladosö às expectativas e necessidades da sociedade de agora, serão problemas potenciais no futuro. Esta percepção do desvio como fator determinante na conduta juvenil, é verificada de maneira esclarecedora na obra de Becker (2008). De maneira geral, o autor desenvolve um processo de relativização das regras vigentes da sociedade, de valoração moral do comportamento humano, daquilo que é considerado certo ou errado. Dessa forma, podemos identificar a problemática da juventude, nos termos do autor, ao caracterizar o desviante como aquele tipo social que não se enquadra, ou seja, não participa de forma ãvoluntáriaö nos comportamentos ou situações definidas como arquétipos. Assim, define que rótulos, regras, transgressões, são constantemente construídos em processos políticos, cuja intenção predominante é a imposição do pensamento e julgamento - entendidos como mais legítimos - de determinados grupos (que o autor define como empreendedores morais) em detrimento de outros.

Nesse sentido, Abramo (2007), ao transcorrer sobre a anulação do protagonismo juvenil (entre outros), salienta que,

como vítimas ou como promotores da cisão e da dissolução social, os jovens se tornaram depositários desse medo, dessa angústia, o que faz aparecer, mesmo para aqueles que os defendem, e que desejam uma transformação social, como a encarnação das possibilidades de construção de parâmetros éticos, de parâmetros de equidade, de superação das injustiças políticas, de construção de projetos que transcendam o mero pragmatismo, de transformação utópica. Ou seja, como encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade ela mesma tem se enfrentado. E nessa formulação, como encarnação de possibilidades, eles nunca podem ser vistos, ouvidos e entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros (2007, p. 84).

Constata-se que a forma mais usual dos estudos relacionados à juventude, principalmente no ambiente acadêmico, é voltada a negativa das questões. Sob este ângulo, o jovem seria o reflexo de graves problemas da sociedade, como desemprego, violência, crime, exploração sexual, consumo de drogas e questões de como ãenquadrarö esta juventude, a fim de solucionar ou diminuir problemas como estes.

Tradicionalmente, os estudos sobre as questões juvenis, elaborados nas academias, apresentam a maior porcentagem das investigações e reflexões voltadas à discussão dos sistemas e instituições presentes neste recorte da sociedade - instituições escolares, núcleo familiar, até mesmo sobre o judiciário e penal, quando o jovem encontra-se em situação de risco (PERALVA, 2007, p. 74). Porém, uma nova leva de trabalhos acadêmicos tem se

dedicado ao outro ponto de vista sobre as mesmas pautas, que gradual e lentamente tem ganhado considerável volume. São os estudos dirigidos aos olhares dos próprios jovens sobre si mesmos e sobre a condição de sua juventude, bem como suas experiências, formas de sociabilidade e representações simbólicas e culturais.

Essa mudança de perspectivas nos olhares sobre a juventude não só atribuiu credibilidade aos protagonistas desta fase, mas também possibilitou a busca por políticas públicas destinadas a estes - uma vez que nunca houve uma tradição de políticas específicas a esta camada da população brasileira. Vale salientar que, atualmente, existe uma considerável movimentação no Brasil pela formulação de políticas inerentes ao segmento jovem da população, que compreende programas de formação profissional, serviços de atendimentos especializados na área da saúde, espaços culturais e de lazer.

6. CONCLUSÃO

A juventude está presente em todos os lugares; no núcleo familiar, nas instituições de ensino, na televisão, nos filmes, nas músicas, nas vitrines e no imaginário da sociedade. Falar sobre ela não parece algo difícil, pois quem não é já foi e quem ainda não foi deseja ser. Essas características compreendem o dia-a-dia de nossa sociedade, afinal, ser jovem, tornou-se a tendência da moda de vanguarda. Essa imagem opositiva da juventude é disseminada e, constantemente, aclamada pela mídia de massa, que vende a ideia da juventude eterna, através do consumo de bens materiais e simbólicos, característicos dessa etapa da vida. Como vimos, o que tem acontecido nesse aspecto é a construção quase ficcional da supervalorização da juventude.

Ainda que de forma genérica, esta pesquisa objetivou a análise da trajetória das juventudes. Foi a partir desta realidade, que se buscou o esclarecimento das nuances e contradições presentes neste conceito cada vez mais *pop*, quando aspirado em estilo de vida, mas que nas rodas dos debates atuais, traduz a pauta em problema de urgência social.

Sem a pretensão de esgotar qualquer momento deste estudo, o que se pode averiguar foram os progressivos contrastes que permeiam a condição, tanto no fator histórico quanto na atualidade, da categoria juvenil da nossa sociedade. Entretanto, a tematização deste tema ó considerando todas as implicações do estudo ó tem demonstrado importante aumento nas reflexões e produções acadêmicas, conferidos, predominantemente, em dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Bem, sabemos que, de fato, existem problemas de ordem social que atingem diretamente a categoria juvenil, tendo destaque nas camadas mais pobres, que apresentam dualidades do tipo: ampliação do acesso à educação e enquanto o acesso ao trabalho diminui; maior acesso às informações e menor acesso ao poder; mais recursos para políticas específicas para a saúde do jovem, mas pesquisas contabilizam a população jovem como a maior parcela populacional do alto índice de mortalidade; vivencia a expansão do consumo simbólico, mas lhe é restrito o consumo material, configurando, entre outros aspectos, o quadro crítico de que tanto se ouve falar.

Entretanto, foi possível a compreensão da necessidade, antes de qualquer coisa, de que estes jovens sejam interpelados a partir da condição de protagonistas de suas próprias vidas. Ao contrário do que tradicionalmente é feito, é necessário conferir aos jovens o crédito de suas juventudes. Nesse sentido, a importância da compreensão a etapa da juventude implica

(re)conhecer seu surgimento e construção histórica; de quais sentidos lhe foram (e são) conferidos ao longo das transformações sociais e da história.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In:____. (Org.). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. In:____. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 73-90.

ABROMOVAY, Miriam. **Juventude, Educação e Violência**. Seminário Educação X Violência em Cinco Cidades das Américas. Brasília, dez. 2002, p. 1 ó 15.

ABROMOVAY, Miriam. ESTEVES, Luiz Carlos G. **Juventude, juventudes: Pelos outros e por elas mesmas**. In:____. (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO: 2007, p. 19-54.

AMARAL, Márcio F. **Olhares contemporâneos: concepções acerca da juventude**. In:____. *Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia*. Porto Alegre: 2011, p. 17-34.

ANDRADE, Carla C. Silva, Enid. **A política nacional de juventude: avanços e dificuldades**. In:____. (Org.). *Juventudes e políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009, p. 41-70.

ARIÉS, Phelippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BIRMAN, Joel. **Juventude e condição adolescente na contemporaneidade: uma leitura da sociedade brasileira de hoje**. In:____. (Org.). *Juventudes, subjetivações e violências*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 25-40.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In:____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

CAMARANO, Ana. KANSO, Solange. MELLO, Juliana. **Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros**. In:____. (Org.). *Juventudes e políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009, p. 71-88.

CAMPOS, Ricardo. **Juventude e Visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis**. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 63, 2010, p. 113-137.

CARRANO, Paulo. MARTINS, Carlos. **A escola diante das culturas: reconhecer para dialogar**. *Educação*, Santa Maria, v. 36, n. 1, jan./abr. 2011, p. 43-56.

CARRANO, Paulo. SPÓSITO, Marília. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. In:____. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 179-215.

CASTRO, Lucia R. **Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje.** In:____. (Org.). *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades.* Belo Horizonte: PUCMinas, 2011, p. 300-323.

DANTAS, Jurema B. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade.** Est. Pesq. Psicol., Rio de Janeiro, v.11, n. 3, 2011, p. 898-912.

DAYRELL, Juarez. **A escola òfazò as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** In:____. *Simpósio Internacional òCiutat.udu: nuevos retos, nuevos compromissos,* Barcelona, 2006. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n.100 ó Especial, out. 2007, p. 1105-1128.

DAYRELL, Juarez. REIS, Juliana. **Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino Médio.** In:____. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia,* Recife (PE), mai./jun. 2007, p. 1-18.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** In:____. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade.* Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 155-176.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FISHER, Rosa Maria B. Schwertner, Suzana F. **Juventudes, Conectividades múltiplas e Novas temporalidades.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n.1, mar. 2012, p. 395-420.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, José. **Genealogia da Juventude.** *Investigação sobre a juventude no processo de construção de suas subjetividades na Cultura Ocidental.* Goiânia, FAJE, 2009.

GIL, Carmem. **Jovens e juventudes: consensos e desafios.** Educação, Santa Maria, v. 36, n.1, jan./abr. 2011, p. 25-42.

GOELLNER, Rene. **A publicidade na òTerra do Nuncaö: as relações entre consumo, juventude e a escolha do curso de Publicidade e Propaganda.** In:_____. (Org.). *Juventude:consumo e educação.* Porto Alegre: ESPM, 2008, p. 65-82.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Norton. **Adolescência, violência, consumo e lei.** In:____. (Org.). *Juventude, consumo e educação.* Porto Alegre: ESPM, 2008, p. 95-118.

LASSANCE, Antonio. **Brasil: jovens de norte a sul.** In:____. (Org.). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 73-86.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MARTINS, Carlos. SOUZA, Patrícia. **Lazer e tempo livre dos(as) jovens brasileiros(as): escolaridade e gênero em perspectiva.** In:__. (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 118-146.

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural.** In:__. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 13-27.

SAVAGE, Jon. **A criação da Juventude: Como o conceito de Teenage revolucionou o século 20.** São Paulo: Rocco, 2009.

SINGER, Paul. **A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social.** In:__. (Org.). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 27-36.

VITELLI, Celso. **Relações entre jovens, consumo, estética e shopping centers.** In:__. (Org.). *Juventude, consumo e educação*. Porto Alegre: ESPM, 2008, p. 27-43.

Fontes das imagens:

<http://ametaforadobonsai.blogspot.com.br/>

<http://mdig.com.br/>

<http://modaaocubo.blogspot.com.br/>